De que forma a crônica escrita pelo colunista Demitri Túlio se aproxima como o jornalismo literário?[[1]](#footnote-1)

Samara veras da CRUZ[[2]](#footnote-2)

Paulo Júnior PINHEIRO[[3]](#footnote-3)

Faculdades Nordeste, Ceará, CE

RESUMO

O presente trabalho se propõe analisar uma crônica do colunista Demitri Túlio publicada semanalmente na coluna “Das antigas” do Jornal o Povo em Fortaleza-Ceará, tendo como ponto de análise o gênero crônica com o jornalismo literário. Atribuída à importância nesse assunto, buscaremos além da interpretação da linguagem, do gênero e das características do cronista, mas também através da sua importância jornalística que registra informações do cotidiano, ora de uma forma jornalística, ora de uma forma literária. A partir da análise do gênero crônica, poderemos esclarecer conceitos e definições entre a relação desse gênero com o jornalismo literário, tendo como importância primordial o aprofundamento desse campo de estudo, a partir da compreensão e da relação de linguagem no texto, no campo da comunicação, através do ato de informar, bem como o fator de sensibilidade através das crônicas. Concluímos que o texto possui características jornalistas, e literárias através do jogo das palavras.

**PALAVRAS-CHAVE:** crônica; jornalismo; cronista; jornalismo literário; comunicação.

**INTRODUÇÃO**

Este artigo propõe estabelecer uma análise do gênero crônica, com o jornalismo literário tendo como ponto de análise de discurso do jornalismo com o gênero crônica, a partir de definições e conceitos do que é jornalismo literário e seus critérios no campo jornalístico. A pesquisa será desenvolvida a partir da análise da crônica Desplantar de Demitri Túlio, que foi veiculada pelo jornal o Povo. Desse modo, buscaremos apresentar as possíveis semelhanças do gênero crônica com o jornalismo literário, analisando as suas divergências entre os dois campos de estudos e a aproximação com o jornalismo. Buscaremos também, através desse viés, por meio da análise, identificar essa relação entre jornalismo e literatura, a partir de influências.

Atribuída à importância nesse assunto, buscaremos além da interpretação da linguagem, do gênero e das características do cronista, mas também apresentar a análise do gênero crônica, através da sua importância jornalística, que registra acontecimentos, ora de uma forma jornalística, ora de uma forma literária, por meio das transformações no contexto político e social no dia a dia da cidade de Fortaleza.

 A análise da crônica é para que se possa aferir o esclarecimento de conceitos e definições entre a relação desse gênero, na compreensão da linguagem no texto, no campo da comunicação, através sensibilidade por meio das crônicas, e do ato de informar.

A crônica será analisada através da sua leitura buscando fazer um paralelo com o jornalismo literário a partir do olhar do cronista e das análises de gêneros. Levando em consideração os métodos de abordagem, o nosso estudo de pesquisa cientifica fará o uso do método dedutivo.

Diante de todas essas considerações citadas acima, podemos ter confirmada a problemática, no que foi citado anteriormente: A crônica Desplantar escrita no jornal o Povo pelo Colunista Demitri Túlio, de que forma ela se aproxima do jornalismo literário?

**1. Jornalismo**

* 1. **Definição do Jornalismo**

O fazer jornalístico vai mais além do ofício da apuração, está na representação que a informação tem na sociedade. Nelson traquina (2005) afirma que o jornalismo responde nossas inquietações do mundo, através dos acontecimentos do cotidiano, do que acontece no nosso mundo externo.

Pode-se dizer que o jornalismo é um conjunto de ‘estórias’, ‘estórias’ da vida, ‘estórias’ das estrelas, ‘estórias’ de triunfo e tragédia. Será apenas coincidência que os membros da comunidade jornalística se refiram às notícias, a sua principal preocupação, como ‘estórias. (TRAQUINA, 2005, p.21)

O seu exercício, do fazer jornalismo, exige bem mais que a objetividade, mas também a inovação através da produção de notícias de seus registros nos meios de comunicação. Ou ainda na percepção de Traquina (2005) o jornalismo é uma atividade criativa, plenamente demonstrada, de forma periódica, pela invenção de novas palavras e pela construção do mundo em notícias, embora seja uma criatividade restringida pela tirania do tempo, dos formatos e das hierarquias superiores.

Uma atividade criativa, plenamente demonstrada, de forma periódica, pela invenção de novas palavras e pela construção do mundo em notícias, embora seja uma criatividade restringida pela tirania do tempo, dos formatos e das hierarquias superiores, possivelmente do próprio dono da empresa. (TRAQUINA, 2005, p.22)

Ainda sobre a definição do jornalismo nas palavras de Sodré (1999) o jornalismo se expandiu com a imprensa e que foi impulsionado pela liberdade através da conquista de direitos fundamentais e da democracia como nova forma de governo. Ainda segundo os jornais passaram a ser reconhecidos como um meio de denunciar as mazelas e injustiças sociais. Afirma Sodré (1999) que o jornalismo passou a ser um aliado da democracia e a partir de então ficou considerado como o Quarto Poder.

* 1. **A contextualização histórica**

Segundo Traquina (2005) a expansão do jornalismo começou no século XIX juntamente com o crescimento da imprensa, mas se conquistou um maior espaço no século XX a partir do surgimento dos novos meios de comunicação, como o rádio e a televisão.

De acordo com os aspectos apresentados através da realidade social e do surgimento do jornalismo no fazer diário, Traquina (2005) afirma que com o consumo do jornalismo ainda no século XIX a informação começou a ser tratada como produto.

O jornalismo na sociedade democrática suas raízes no século XIX. Foi durante o século XIX que se verificou o desenvolvimento do primeiro mass media, a imprensa. A vertiginosa expansão dos jornais no século XIX permitiu a criação de novos empregos neles; um número crescente de pessoas dedica-se integralmente a uma atividade que, durante as décadas do século XIX, ganhou um novo objetivo – fornecer informação e não propaganda. (TRAQUINA, 2005. p. 34)

O acesso à escolarização, nas grandes cidades, como aponta Traquina (2005) muitos fatores sociais colaboraram para expansão do jornalismo, sobretudo a escolarização da sociedade e o processo de urbanização, intensificando o crescimento de futuras metrópoles.

Nas últimas décadas do século XIX, surpreendida pela turbulência das transformações sociais, que a cultura letrada e a imprensa começariam decididamente a avançar para além das elites tradicionais. Nessa época, em ritmo acelerado, no compasso de um modo de vida que exportam capitais e invadem rapidamente inúmeros espaços do planeta, a história da formação das metrópoles brasileiras multiplica o tempo e a experiência social (CRUZ, 2000, p. 42)

Em outra visão, Sodré (1999) afirma que a expansão da imprensa ainda foi impulsionada pela liberdade através da conquista de direitos fundamentais e da democracia como nova forma de governo, os jornais passaram a ser reconhecidos como um meio de denunciar as mazelas e injustiças sociais. O jornalismo passou a ser um aliado da democracia e a partir de então ficou considerado como o Quarto Poder.

**2.1 Os gêneros jornalísticos**

De acordo com Marques (1985) os gêneros são determinados pelo estilo que depende de uma relação dialógica em que o jornalista deve manter com o seu público, apreendendo seus modos de expressão (linguagem) e suas expectativas (temáticas).

Os  gêneros  jornalísticos  nascem como  herdeiros  dos  literários, mas  a necessidade de gêneros  no jornalismo é mais  imediata e urgente que na literatura. Na literatura, há a assinatura de um autor, enquanto que num jornal ou telejornal é combinado o trabalho de muitas pessoas (...). É  preciso saber, portanto, não somente o que está se dizendo, mas  o que se está fazendo: se trata­ se de uma notícia, uma reportagem, uma crônica, um editorial (GOMIS, 1991:44).

O jornalismo divide-se em vários segmentos, podemos citar, por exemplo, o jornalismo informativo que segundo os conceitos de Baroni, (2008) ele afirma que jornalismo informativo é recém-criado prevê a teoria do espelho,que é refletir a realidade de forma objetiva imparcial, uma vez que o jornalismo é visto como um agente que tem como missão informar e procurar a verdade.

Ainda sobre gêneros jornalísticos, Beltrão (2005) aponta sobre o gênero informativo:

O Gênero Informativo é o “relato puro e simples de fatos pertencentes ao presente imediato ou ao passado que sejam socialmente significativos” (BELTRÃO, 1980, p.29)

Um fato importante para a expansão do jornalismo informativo, no mundo, foi à abolição do selo (setembro de 1810), quando os mensageiros acabam por distribuir em grande quantidade a maior parte dos jornais.

O Gênero Opinativo surge com o próprio jornalismo brasileiro, sob a responsabilidade de Hipólito Costa, que editava em Londres, o Correio Braziliense (1º de junho de 1808) ( apud, Ferreira, 2012.p .7) .

A queda do preço do papel, obtido a partir da madeira, a melhoria constante das rotativas, a difusão da composição mecânica por linotipos depois de 1890, o progresso do telégrafo e do telefone, o desenvolvimento da agência Havas, tudo favorece o florescimento de um jornalismo de informação, mais ligado ao fato, com o Petit Journal, o Petit Parisien (1876), o Matin (1883), o Journal (1892), que assume o formato de seis colunas. A reportagem, a enquete, a entrevista substituem a crônica (FEYEL, 1993, p. 967 apud MARQUES DE MELO & ASSIS, 2010).

Melo (2003) aponta que o gênero opinativo é uma reação diante das notícias, “difundindo opiniões, seja as opiniões próprias, seja as que lê, ouve ou vê”, narrar os fatos e expressar as ideias segundo os padrões historicamente definidos como jornalismo informativo e jornalismo opinativo não alteram fundamentalmente o resultado do processo interativo que se estabelece entre a instituição jornalística e a coletividade que tem acesso ao universo temático e conteudístico manufaturado continuamente.

O reconhecimento da existência de duas categorias fundamentais no jornalismo “obtém o consenso dos profissionais e estudiosos da área, independentemente das concepções ideológicas que assumem ou do modo de produção econômica que caracteriza a sociedade respectiva” (MARQUES DE MELO, 2003, p.26).

O gênero jornalístico o opinativo apresenta-se grande relevância no meio social. Para Beltrão (1980) o jornalismo opinativo é responsável pela decisão seja do jornalista, do editor, ou colaborador, ou mesmo de uma determinada mídia, no entanto nem todo assunto é digno de expressão, já que na sua classificação obedece a assuntos sociais e culturais.

Não nos referimos especificamente à estrutura do relato do texto ou das imagens e sons que representam e reproduzem a realidade. Tomamos em consideração a articulação que existem do ponto de vista processual entre os acontecimentos (real), sua expressão jornalística (relato) e a apreensão pela coletividade (leitura). (MELO, 2003, p.64).

**3. Novo Jornalismo**

O Novo jornalismo surge de uma nova prática textual nos Estados Unidos, através do uma soma, entre o jornalismo e literatura. Aponta Wolfe (2005) que o New Journalism nasce como um estilo teve como ambição, depois de criado, desbancar o romance de ficção como o gênero mais importante da literatura norte-americana da época, ou seja, o New Journalism tinha objetivos mais voltados para literatura do que para o jornalismo propriamente dito.

O jornalista americano e um dos mentores do new journalism, ele explica de uma maneira mais clara acerca das novas descobertas e inovações que o do novo jornalismo. Assim declara Wolfe (2005):

O que me interessava não era simplesmente a descoberta da possibilidade de escrever não-ficção apurada com técnicas em geral associadas ao romance e ao conto. Era isso e mais. Era a descoberta de que era possível na não-ficção, no jornalismo, usar qualquer recurso literário, dos dialogismos tradicionais do ensaio ao fluxo de consciência, e usar muitos tipos diferentes ao mesmo tempo, ou dentro de um espaço relativamente curto [...] para excitar tanto intelectual como emocionalmente o leitor (WOLFE, 2005, p. 28).

A influência da qualidade da narrativa através do jornalismo, com a literatura, aperfeiçoou meios sem jamais perder suas especificidades, assim chegaria ao bom termo do New Journalism. Afirma Lima (2009), ratificando a nova relação no novo jornalismo através de um jeito.

O novo jornalismo traz à luz dos holofotes os mesmo timbres comuns da sensualidade, de mergulho completo, corpo e mente, na realidade, como acontecia em todas as formas de expressão da contracultura. (LIMA, 2009, p.195)

 De outro modo, Erbolato (2006) afirma que produção se diferencia por seu estilo “mais ameno e atrativo”, diferente do estilo das notícias redigidas num tom formal, cuja estrutura visa, basicamente, a responder às perguntas do lead (quem, o que, quando, onde, como e por quê?), diferentemente do padrão textual e estilístico do jornalismo dito como padrão.

O Novo Jornalismo aceito também como Jornalismo Diversional [...] passou a oferecer textos de muito agrado, abordando assuntos que, até a época, eram sempre apresentados com aridez ou através desconstruções estereotipadas e formais, despidas de interesse. (ERBOLATO, 2006, p.44).

O novo jornalismo através da rua narrativa textual apresenta-se como a soma da literatura com jornalismo, através das novas características, não deixando de perder a sua objetividade, que é informar. Conforme aponta Lima (2004):

A chance que o jornalismo poderia ter para se igualar, em qualidade narrativa, à literatura, seria aperfeiçoando meios sem, porém jamais perder sua especificidade. Isto é, teria de sofisticar seu instrumental de expressão, de um lado, elevar seu potencial de captação do real de outro. Esse caminho chegaria a bom termo com o new journalism. (LIMA, 2004, p. 191-192)

**3.1 Jornalismo literário**

O jornalismo literário é um novo estilo do fazer jornalístico apresentando reportagens mais detalhistas e mais profundas, sem perder a essência do objetivo de informar. Para Felipe Pena (2006), ele afirma que o jornalismo literário não se trata apenas da objetividade no texto, mas a partir de uma nova forma de entender e escrever a notícia:

Não se trata apenas de fugir das amarras da redação ou de exercitar a veia literária em um livro-reportagem. O conceito é muito mais amplo. Significa potencializar os recursos do Jornalismo, ultrapassar os limites dos acontecimentos cotidianos, proporcionar visões amplas da realidade, exercer plenamente a cidadania, romper as correntes burocráticas do lead, evitar os definidores primários113 e, principalmente, garantir perenidade e profundidade aos relatos. (PENA, 2006, p. 13)

O jornalismo literário através da sua forma textual com suas descrições de detalhes na apuração das informações ,sem amarrações, vem alcançando um novo jeito de informar. Ainda dentro do contexto, Felipe Pena, (2008), afirma que o jornalismo literário é um gênero autônomo composto por outros subgêneros, utilizado geralmente em veículos impressos, tendo uma ênfase mais nos jornais e nas revistas através da sua narrativa:

Nesse tipo de narrativa, o autor não inventa nada. Ele se concentra nos fatos e na maneira literária de apresentá-los ao leitor. Trata-se do cruzamento da narrativa romanesca com a narrativa jornalística. O que significa manter o foco na realidade factual, apesar das estratégias ficcionais. (PENA, 2006, P. 103)

 O jornalista literário não ignora o que aprendeu no jornalismo diário, de acordo com Felipe Pena (2006), nem joga suas técnicas narrativas no lixo. O que ele faz é desenvolvê-las de tal maneira que acaba constituindo novas estratégias profissionais. Para ele, os velhos e bons princípios da redação continuam extremamente importantes, corno, por exemplo, a apuração rigorosa, a observação atenta, a abordagem ética e a capacidade de se expressar claramente, entre outras coisas.

O jornalismo literário não ignora o que aprendeu no Jornalismo diário. Nem joga suas técnicas narrativas no lixo. O que ele faz é desenvolvê-las de tal maneira que acaba constituindo novas estratégias profissionais. (PENA. 2006, p. 13)

Ainda se tratando dessa relação entre literatura e jornalismo, através dessa nova da profundidade através da narrativa e da descrição do novo fazer jornalístico, Pena (2006) afirma que é significativa essa construção na veracidade das informações é que preciso fazer uma construção sistêmica do enredo, levando em conta que a realidade é multifacetada, fruto de infinitas relações, articulada em teias de complexidade e indeterminação.

No conceito de Lima (2009) ele afirma de uma forma poética que o jornalismo literário é uma percepção da realidade, e que tudo está em movimento, o tempo todo.

O jornalismo literário é uma viagem de descoberta pelo território do real, segundo ele a literatura do real muda, desenvolvendo-se dinamicamente ao longo do tempo, como tudo existe. Nada é estático, apenas nossos olhos aceitam ilusões. Tudo está em movimento, o tempo todo. (LIMA, 2009, p. 436)

De acordo com Lima (2009) o jornalismo literário também precisa mudar, dinamicamente, suas lentes de percepção, caso contrário perde a capacidade de ver com clareza e beleza.

Lima (2009) aponta que a literatura criativa de não ficção volta-se para realidade, para compreendê-la, mas o que compreendemos o mundo depende dos instrumentos que temos para enxerga-lo. Esses instrumentos mudam ao longo das eras, novas lentes são colocadas à nossa disposição, assim também é o jornalismo literário também precisa mudar. (LIMA, 2009, p. 436)

**4. O gênero crônica**

Maffesoli (2002) aponta que a história do cotidiano é a própria cristalização do “tempo em espaço”, e um momento simbiótico, onde a história do lugar passa a ser também a história do indivíduo. Nesse pensamento podemos caracterizar a crônica como um gênero textual narrativo, retratando a realidade politica e social do ambiente, escrita de uma forma lírica e poética.

A crônica capta esses elementos que são, à primeira vista, insignificantes: odores, imagens, ruídos. São fragmentos que se transformarão em uma espécie de Diário dos Costumes, modos de amar, de pensar e de fazer. Há um profundo laço entre o espaço e o cotidiano, uma relação na qual o espaço é depositário de uma sociabilidade por vezes obscurecida diante das altas tradições culturais. Os protagonistas da vida diária estão imersos em um dinamismo envolvido pela lógica da descontinuidade e, não raramente, também são sujeitos que se exprimem num trágico que o próprio cotidiano é capaz de nos trazer. (MAFFESOLI, 2002, p. 175).

A crônica é um gênero textual que mesmo se apresentando em um texto curto, sobre fatos do dia a dia, apresenta em sua essência a reflexão e sensibilidade nas entrelinhas. Candido (2002) aponta e caracteriza a crônica como gênero aparentemente simples em sua composição, mas ao mesmo tempo se desdobra em elogios através da sensibilidade.

Por meio dos assuntos, da composição aparentemente solta, do ar de coisa sem necessidade que costuma assumir, ela se ajusta à sensibilidade de todo dia. Principalmente porque elabora uma linguagem que fala de perto ao nosso modo de ser mais natural. Na sua despretensão humanizada; e esta humanização lhe permite, como compensação, sorrateira, recuperar com a outra mão certa profundidade de significado e um certo acabamento de forma, que de repente podem fazer dela uma inesperada embora discreta candidata à perfeição (CANDIDO, 1992, p.13-14).

Melo (1995) afirma que a crônica, no jornalismo mundial, é um termo vinculado ao relato cronológico, à narração histórica.

 No jornalismo brasileiro a crônica é um gênero plenamente definido. Sua configuração contemporânea permitiu a alguns estudiosos proclamarem que se trata de um gênero tipicamente brasileiro, não encontrando equivalente na produção jornalística de outros países. (MELO. 1985 p. 111)

Bender e Laurito (1993) apontam que a evolução, o termo “crônica” hoje é usado como designativo de um gênero específico de textos, mas seja como no sentido inicial de “registro do passado e dos fatos na ordem em que sucederam”,seja em sua acepção atual apresentando o seu enfoque dos fatos do dia adia, o vínculo com o sentido etimológico permaneceu:

(...) tanto em relação ao sentido tradicional do termo quanto em relação ao sentido moderno, é que a crônica, pela sua própria origem, está sempre ligada a ideia contida no radical do termo que a designa: assim, seja um registro do passado, seja um flagrante do presente, a crônica é sempre um resgate do tempo (BENDER e LAURITO. 1999 p. 11).

**4. 1Contextualização Histórica**

Melo (1985) afirma que o surgimento que a crônica surge do folhetim que a no jornalismo brasileiro, um espaço que os jornais reservam semanalmente para o registro do que aconteceu no período, sua redação é confiada a escritores (poetas ou ficcionistas).

É exatamente como folhetim que a crônica surge no jornalismo brasileiro. Um espaço que os jornais reservam, semanalmente, para o registro do que aconteceu no período. Sua redação é confiada a escritores (poetas ou ficcionistas). Segundo Afrânio Coutinho, o folhetim começou com Francisco Otaviano, em 1852, no Jornal do Comercio do Rio de Janeiro. Ali, ele assinava o ‘folhetim semanal’. Seus continuadores são José de Alencar, Manuel Antônio de Almeida, Machado de Assis, Raul Pompéia, Coelho Neto, etc., (MELO, 1985, p.113-114).

Em outro esclarecimento sobre o surgimento da crônica, a partir do seu contexto histórico, (Laurito; Bender, 1993) afirmam que a crônica nasceu nos folhetins franceses, situados nos rodapés dos jornais para entreter seus consumidores entre as leituras das notícias “graves e pesadas” em meio ao periódico. O gênero crônica teve seu início através dos folhetins que se transformou em romance, através da sua escrita periódica através de vários capítulos.

 Da mesma forma que os folhetins cobriam os romances e os capítulos das aventuras dos heróis, havia espaço para as variedades, para os ‘[...] fatos que registravam e comentavam a vida cotidiana da província, do país e até do mundo’ (LAURITO; BENDER, 1993, p. 1)

O cronista relata através das suas palavras os fatos que acontecem no banal , no que ninguém percebe, extraindo através do seu olhar sensível, o que se tem de melhor por trás de um simples acontecimento. Veríssimo (2008) aponta que os textos do cronista se contextualizam com a preocupação do autor através do sua forma e da composição. O cronista essa relação do autor e do gênero.

 Na verdade, a gente não escreve sobre a rotina, escreve sobre uma quebra de rotina, sobre coisas incomuns que acontecem com pessoas comuns e mudam suas vidas, alguma epifania ou paixão (VERRÍSIMO,2008, p. 32).

**5. Análise da crônica Desplantar, de Demitri Túlio**

A crônica Desplantar do cronista Demitri Túlio publicada na coluna Das antigas, no Jornal o povo, no dia 03 de maio de 2014, apresenta características de escritas tanto jornalísticas como literárias, através do uso das palavras, e das colocações delas.

Considerando o contexto das palavras e suas colocações, através da noticia com a relevância do desplante das mudas, em uma das principais avenidas na cidade de Fortaleza, apresenta caraterísticas jornalísticas, com a descrição do local, o seu contexto social e a sua relevância, não somente para a cidade, mas também para as pessoas que passam pela avenida, todos os dias. Como também o gênero apresenta características em sentido lírico e poético, por meio de particularidades da literatura.

Dentro da narrativa da crônica, no primeiro e no segundo parágrafos, através do uso de algumas expressões em seu sentido diminuitivo, o autor demostra insatisfação e ironia, através da perca das árvores, como também por meio do uso de expressões regionais, através dos (nossos grifos).

Fiquei pensando na mediocridade das *vidinhas*. A minha e todo mundo. A última que me calou o *engasgo* foi o sequestro das árvores da Dom Luís e Santos Dumont. Semelhante ao oco que ficou no estirão das avenidas, fizeram-se vãos e ainda estou sem alma e “*distrenado”* quando passo lá.

E, certeza, não estou *maldizendo* o prefeito de plantão. Não. Dele tenho quase nenhuma expectativa e espero menos ainda do que esperei dos que o antecederam. Não por eles, *coitados*, mas pela incapacidade de quem senta ali de ter uma potência criativa livre para a Cidade e seus inquilinos.

O autor no terceiro e no quarto parágrafos, por meio do uso de alguns adjetivos com algumas expressões populares (fogo de palha), por meio das apresentações de sentimentos, manifesta-se traços literários em meio à insatisfação da ausência das mudas.

O pior é que mediocridade de lá tem como resposta a passividade de nós. Reclamamos *fogo de palha*, futricamos nas redes sociais, defendemos partidos idiotas, bradamos besteiras em torno da cerveja, escrevemos uns artigos e tudo fica no lugar que está, não se desloca, não se insurge, não se reverte.

Não foi a primeira vez que assistimos e lemos sobre a história de homens que desplantam árvores na Cidade sem sombras. A Santos Dumont, *“póbe véia”,* está cansada de ser *deflorada* e tanto *desamor.*

No quarto e quinto parágrafos, a crônica jornalística, de uma forma objetiva, descrevem dados e elementos quantitativos do desplantar das mudas. O autor cita as principais ruas onde elas desapareceram, e a nova realidade sobre a transgressão ambiental. De outro modo, o cronista em meio a sua objetividade, releva a sua sensibilidade através do uso poético ao retratar o estado físico das árvores descrevendo e relevando sentimentos, (em grifos).

Lembram do bosque miúdo, umas 200 árvores, na esquina da Santos Dumont com Virgílio Távora? Desapareceu em um dia de Carnaval. Desplantaram tudo e ficou por isso mesmo. Sei, sei, vão escrever dizendo que “um milhão de mudas” foram plantadas num desterrado por aí como compensação ambiental. Mas aquele *miolo despetalado* perdeu e tão cedo não irá *sarar* e se refazer.

Na Santos Dumont também, bem próximo à Fanor, uma construtora do mesmo grupo que desplantou na esquina da Virgílio Távora, passou sem pena a serra elétrica e o trator por cima de um pomar de cajueiros de praia. Uns 300 foram ao chão. Mais uma vez a tal compensação ambiental não aconteceu nas proximidades e é algo abstrato.

A narrativa do cronista com o uso da expressão (negro da galáxia), no sétimo parágrafo, denota insatisfação com as percas das mudas, qualificando através dessa entonação, definindo assim o seu descontentamento em vivenciar essa realidade. Já no oitavo parágrafo, através de sentimentos estritamente humanos, o cronista qualifica as mudas, de uma forma literária por meio da sensibilidade com as colocações das palavras, adjetivando as árvores com um perfil humano e poético, (em grifos).

Poderia ser assim, em vez de um milhão de mudas “plantadas” no buraco *negro da galáxia*, o desplantador de árvores faria nascer um novo bosque e cuidaria dele, por um tempo, na Cidade que lhe dá lucro. Um pequeno parque projetado na vizinhança onde se desmatou.

Árvore, acreditem, tem de ser tratada e *amada feito filho, bicho e namorada*. Bem querida, paparicada. Na Nova Zelândia, uma lei deu ao rio Whanganui e sua mata ciliar o direito de ser considerado “humano”. Só assim, poderá sofrer menos agressões. E nem por isso, deixará de receber investimentos comerciais desde que sejam sustentáveis.

O cronista desenvolve em seu último parágrafo, informações jornalísticas e objetivas, que é informar , descrevendo a contextualização dos principais locais onde ocorreu os vários casos de desmatamento na cidade Fortaleza, apresentando e detalhando a quantidades de mudas afetadas, bem como os principais bairros.

O autor, mesmo em meio à objetividade, ele finaliza a crônica de uma forma lírica, por meio do jogo de palavras com a expressão da sua insatisfação e sentimento, concluindo que todos serão afetados, os homens, sendo bons ou maus, e a natureza.

A Cidade vai se desplantando. Foi assim no Centro. Na General Sampaio, coisa do Metrofor no começo dos anos 2000. Tiraram os benjamins do canteiro central e prometeram uma “floresta”. Necas. A história se repete nos terrenos em torno da FIC e Fa7, na Água Fria, e a Seuma faz de conta que não é com ela. Também assistimos, há algumas semanas, à limpa de pelo menos 300 árvores próximo ao viaduto do Palácio Iracema. Tudo dentro da lei! Assim foi com a mata do Pajeú, da Aguanambi, do Ceará, do Jacarecanga...

Fui ao Maranguapinho, “o maior projeto ambiental do Brasil, das Américas e do planeta”. Fui pra tomar banho nele, comprar um peixe, andar descalço, fotografar... Não vi o leito tratado e recuperado, não vi replantio de mata ciliar, não vi o fim de ligações sanitárias e de esgotos, não vi um parque por lá e segurança...

A mediocridade e a passividade matam tanto o gato quanto o rato, tanto o homem quanto a árvore...

(Disponível no povo online: [http://www.opovo.com.br/app/colunas/dasantigas/2014/05/02/noticiasdasantigas,3245129/desplantar-arvores.shtml](http://www.opovo.com.br/app/colunas/dasantigas/2014/05/02/noticiasdasantigas%2C3245129/desplantar-arvores.shtml). Acesso em 03 de maio de 2015)

**6. Conclusão**

A crônica de Demitri Túlio por meio de sua análise, verificamos através de sua linguagem e palavras denotam e nos faz refletir sobre a natureza e a situação ambiental de Fortaleza. A crônica por meio desse paralelo, através do informe do acontecimento, e do seu lirismo, envolve o leitor, e faz-nos compadecer da situação das árvores por meio do seu desplanto, visto de uma forma negativa pelo cronista.

 Portanto, podemos concluir que através desse novo fazer jornalístico, por meio da crônica, com um pouco mais de liberdade de escrita, permite não somente o cronista a alcançar novos patamares textuais, através do novo jornalismo, com o lirismo da literatura, mas também faz com que o relacionamento do leitor com a cidade , através do gênero crônica, seja cada vez mais solidificado.

 Dessa forma, podemos afirmar que a crônica veio confirmar o seu papel em gênero crônica, mas o gênero também veio exercer seu papel jornalístico, buscando por meio das caraterísticas e do olhar do cronista, fortalecer a relação do homem com a sociedade , e do homem com a natureza.

 **Referências**

MAGNI , C. A crônica por Luís Martins: **dissolução das fronteiras entrejornalismo e literatura1**, 2009.

ASSIS, V. C. S. **A “crônica literária” de Medeiros e Albuquerque**,2012.

SIEBERT, S. A **crônica brasileira tecida pela história, pelo jornalismo e** **pela literatura**, 2014.

VEIGA, S. M. **Nos bastidores da crítica: estudo sobre o pensamento teatral nas crônicas de Artur Azevedo e Coelho Neto.** Rio de Janeiro, 2012.

SALVADOR, V. C. **A “Crônica Literaria” de Medeiros e Albuquerque: Resenhas E Notícias Literárias Publicadas No Vespertino A Notícia De 1897 A 1908**, 2012.

TUZINO, Y. M. M. **Crônica: uma Intersecção entre o Jornalismo e Literatura.**

VENTURELLI, V. K. **“fagulhas”: uma coluna de crônicas de coelho neto na gazeta de notícias** (1897-1899), 2009.

RONCARI, L. **A estampa da rotativa na crônica literária**. Boletim Bibliográfico. São Paulo: Biblioteca, Mário de Andrade, v. 46, p. 9-16, jan-dez. 1985.

SILVA, A. P. L**. Entre o jornalismo e a literatura: crônicas de Carlos Heitor Cony na folha de s. Paulo, 2014.**

COUTINHO, A. **Ensaio e Crônica**. In: A Literatura no Brasil. 2ª edição. Rio de Janeiro: Editorial Sul Americana. Vol. 6, 1997.

MICHELLINE. E. **A Crônica no Universo Jornalístico e Literário** ,2005.

FAHL, A. O. F. **Notas de rodapé: algumas considerações sobre a crônica literária no brasil e os periódicos do século XIX.**

SCHNEIDER, C. I. **Crônica jornalística: um espelho para a história do cotidiano?.**

GOMES, F.S. **Jornalismo narrativo, Jornalismo Narrativo. Eficiência e viabilidade na mídia impressa**, 2004.

Obra Completa de Machado de Assis. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, Vol. III 1994.

Drummond, Carlos de Andrade - **Quando é dia de Futebol**, 2004 .

FRANCISCHINI, J. B. **A crônica jornalística em uma perspectiva sócio retórica: organização textual e processo de produção,** 2008.

 RABAÇA, C. B. G. G. **Dicionário de comunicação**. 2 ed. Rio de Janeiro: Campus, 2001.

1. Trabalho apresentado no XI Encontro de iniciação Cientifica FA7– Faculdade 7 de Setembro , encontro realizado de 26 a 28 de maio de 2015. [↑](#footnote-ref-1)
2. Estudante de Graduação 8º. semestre do Curso de Jornalismo da FANOR,CE email: samaraverasjornalista@gmail.com . [↑](#footnote-ref-2)
3. Orientador do trabalho. Professor do Curso de Jornalismo da FANOR-CE, email: paulojr.pinheiro@gmail.com

 [↑](#footnote-ref-3)